



Uma implícita mariologia na *Evangelii Nuntiandi*: Maria “estrela da evangelização”

An implicit mariology in *Evangelii Nuntiandi*:
Mary, the “star of evangelization”

*Anderson Moura Amorim**

PUCRIO

Recebido em: 07/05/2025. Aceito em: 22/05/2025.

Resumo: *Este artigo analisa a presença de uma mariologia implícita na Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi (1975), de Paulo VI, com ênfase na figura de Maria como “Estrela da Evangelização” (EN 82).¹ Embora o documento não desenvolva uma mariologia de forma sistemática, é possível identificar elementos teológicos e pastorais que permitem compreender Maria como referência na missão evangelizadora da Igreja, especialmente nas reflexões sobre a fé, a escuta da Palavra e o testemunho cristão. Na conclusão da Exortação, no parágrafo 82, o Papa apresenta Maria como aquela que, no Pentecostes, presidiu em oração o nascimento da evangelização sob a ação do Espírito Santo, configurando-se como referência espiritual para uma evangelização continuamente renovada. A pesquisa, de caráter bibliográfico, busca evidenciar Maria como modelo de fé, cuja adesão à vontade de Deus, acolhida da Palavra e participação na obra salvífica configuram paradigmas para a missão evangelizadora, e estrutura-se em três eixos temáticos: análise da Evangelii Nuntiandi e suas implicações mariológicas, reflexão sobre Maria como protótipo daquele que crê, e sua relação com a proposta da Nova Evangelização. Conclui-se que, mesmo de forma implícita, Maria ocupa um lugar paradigmático na proposta evangelizadora de Paulo VI, sendo apresentada como discípula fiel e missionária, cuja figura inspira e orienta a ação evangelizadora e pastoral da Igreja na atualidade.*

Palavras-chave: Evangelii Nuntiandi; evangelização; mariologia.

Abstract: *This article analyzes the presence of an implicit mariology in the Apostolic Exhortation Evangelii Nuntiandi (1975), by Pope Paul VI, with an*

* Mestre em Teologia Sistemática pela UNICAP, Recife/PE, 2022. Doutorando em Teologia Sistemática pela PUCRIO, Rio de Janeiro/RJ, 2024.

Email: christo.moura@hotmail.com.

¹ As chamadas indicam a sigla da Exortação Apostólica (*Evangelii Nuntiandi*) e o parágrafo correspondente (Paulo VI, 1975).





emphasis on the figure of Mary as the “Star of Evangelization” (EN 82). Although the document does not develop a systematic mariology, it is possible to identify theological and pastoral elements that allow an understanding of Mary as a reference in the Church’s evangelizing mission, especially in reflections on faith, listening to the Word, and Christian witness. In the conclusion of the Exhortation, in paragraph 82, the Pope presents Mary as the one who, at Pentecost, presided in prayer over the birth of evangelization under the action of the Holy Spirit, becoming a spiritual reference for a continuously renewed evangelization. The research, of bibliographic nature, seeks to highlight Mary as a model of faith, whose adherence to God’s will, reception of the Word, and participation in the salvific work serve as paradigms for the evangelizing mission, and is structured around three thematic axes: analysis of Evangelii Nuntiandi and its mariological implications, reflection on Mary as a prototype of the believer, and her relation to the proposal of the New Evangelization. It is concluded that, even implicitly, Mary occupies a paradigmatic place in Paul VI’s evangelizing proposal, being presented as a faithful disciple and missionary, whose figure inspires and guides the Church’s current evangelizing and pastoral action.

Keywords: Evangelii Nuntiandi; evangelization; mariology.

Introdução

A Exortação Apostólica pós-sinodal *Evangelii Nuntiandi* (1975), do Papa Paulo VI, constitui um marco fundamental no processo de renovação missionária da Igreja, especialmente ao estabelecer as bases da Nova Evangelização em resposta às transformações culturais e espirituais do mundo contemporâneo (EN 20). Diante da crescente ruptura entre Evangelho e cultura, Paulo VI ressalta a urgência de uma evangelização que dialogue com a realidade histórica, reafirmando a identidade e a missão da Igreja (EN 14).² Nesse contexto, destaca-se discretamente a figura de Maria, designada como “Estrela da Evangelização” (EN 82), cuja presença, embora não desenvolvida sistematicamente, revela-se teologicamente significativa.

Ainda que *Evangelii Nuntiandi* não apresente uma mariologia estruturada, é possível entrever, em seus elementos teológicos e pastorais, uma mariologia implícita que propõe Maria como figura paradigmática da evangelização. Sua atuação na visitação (Bíblia [...], 2019, Lc 1,39,

² “Secularismo ateu e ausência de prática religiosa encontram-se entre os adultos e entre os jovens, nas elites e nas massas, em todos os setores culturais, no seio das antigas e das jovens Igrejas. A ação evangelizadora da Igreja, que não pode ignorar estes dois mundos nem ficar parada diante deles, tem de procurar constantemente os meios e a linguagem adequados para lhes propor a revelação de Deus e a fé em Jesus Cristo” (EN 56).



p. 1421), sob a unção do Espírito (Bíblia [...], 2019, Lc 1,35, p. 1421), configura-a como “protomissionária”, ao antecipar a missão da Igreja levando Cristo em seu seio e provocando a efusão do Espírito sobre Isabel (Iwashita, 2014, p. 121). Sua presença em Pentecostes (Bíblia [...], 2019, At 1,14, p. 1501) e sua íntima associação à obra redentora conferem-lhe os títulos de mãe, discípula e missionária (Cantalamessa, 1992, p. 55). Por meio de seu testemunho de fé, de sua escuta da Palavra e de sua prontidão para a missão, Maria configura-se como tipo, figura e personificação da Igreja (González, 1988, p. 304). Tal perspectiva adquire especial relevância no horizonte da Nova Evangelização, que exige renovado ardor e autenticidade (EN 22).

Este artigo tem como objetivo analisar a presença e o papel de Maria na *Evangelii Nuntiandi*, destacando sua contribuição à missão evangelizadora da Igreja, a partir de uma abordagem teológico-pastoral. A pesquisa, de natureza bibliográfica, busca demonstrar como Maria, enquanto figura da Igreja e mãe dos evangelizadores, é também evangelizadora por excelência (RM 6;³ DAp 268⁴). O estudo está estruturado em três eixos: a análise do documento quanto à presença mariana; a reflexão sobre sua missão evangelizadora; e a relação entre Maria e a Nova Evangelização.

Dessa forma, a *Evangelii Nuntiandi* oferece, mesmo de maneira implícita, fundamentos teológicos e pastorais para uma mariologia que reconhece Maria como modelo da ação evangelizadora. Sua presença culmina na designação simbólica como “Estrela da Evangelização”, evocando a cena de Pentecostes, na qual, conforme afirma Paulo VI, “ela presidiu na prece ao iniciar-se a evangelização, sob a ação do Espírito Santo” (EN 82). A partir dessa imagem, é possível identificar caminhos para aprofundar a missão da Igreja, inspirando-se na experiência mariana da fé, da escuta da Palavra e do testemunho cristão (EN 3). Nesse sentido, esta pesquisa se insere no esforço contínuo de atualização da práxis evangelizadora da Igreja, propondo, à luz da figura de Maria, respostas evangelizadoras aos desafios da missão em contextos contemporâneos, especialmente em tempos difíceis, mas repletos de esperança.

³ As chamadas indicam a sigla da Carta Encíclica (*Redemptoris Mater*) e o parágrafo correspondente (João Paulo II, 1987).

⁴ As chamadas indicam a sigla do Documento de Aparecida e o parágrafo correspondente (Aparecida, 2007).



1 A *Evangelii Nuntiandi* e suas implicações mariológicas

A Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, promulgada por Paulo VI em 8 de dezembro de 1975, marca uma virada na eclesiologia pós-conciliar ao recolocar a evangelização no centro da identidade e missão da Igreja (Salame, 1976, p. 43). O documento nasce de uma conjuntura rica: o encerramento do Ano Santo, o décimo aniversário do Concílio Vaticano II e o Sínodo de 1974 sobre a evangelização⁵. Com isso, Paulo VI articula uma síntese entre tradição e renovação, apresentando a evangelização como realidade complexa e integral. Segundo Salvador Pié-Ninot (1998, p. 103), a *Evangelii Nuntiandi* talvez seja “o documento magisterial de maior repercussão na Igreja pós-conciliar” por seu novo conceito de evangelização e sua forte ênfase na promoção humana.

A evangelização, para Paulo VI, não é apenas comunicação doutrinária, mas também testemunho de vida e compromisso com a transformação do mundo (EN 20-31).⁶ A novidade introduzida pela *Evangelii Nuntiandi* consiste em compreender que proclamar o Reino de Deus é também instaurá-lo nas realidades históricas, mediante a justiça, a libertação e a cultura. Nesse horizonte, o anúncio se torna eficaz quando é vivenciado com coerência evangélica. Sob essa perspectiva, Jon Sobrino (1982, p. 298) destaca as três dimensões complementares da evangelização: proclamação, testemunho e práxis transformadora. Esse tripé, embora não sistematizado, marca o coração do documento e aponta para uma missão vivida com integralidade.⁷

⁵ Os Sínodos de Roma foram instituídos pelo Papa Paulo VI em resposta ao desejo manifestado pelos bispos durante o Concílio Vaticano II. Conforme afirma o Decreto *Christus Dominus*, o Sínodo dos Bispos colabora com o Sumo Pontífice no governo da Igreja, expressando que “todos os bispos, em comunhão hierárquica, participam da solicitude pela Igreja universal” (*Christus Dominus* (CD), 5). O teólogo J. B. Libânio (1975, p. 116) ressalta que a principal função do Sínodo é oferecer ao Papa subsídios para sua reflexão.

⁶ A *Evangelii Nuntiandi* aponta três grandes desafios que representam crises fundamentais da evangelização: o ateísmo cultural que exige da Igreja um anúncio capaz de dar sentido à vida (EN 55); a insuficiência de uma evangelização sem inculturação (EN 20); e a separação entre anúncio e prática, quando a pregação não se traduz em ação libertadora e construção do Reino (EN 29-30).

⁷ Segundo Sobrino (1982, p. 269-270), a *Evangelii Nuntiandi* apresenta três dimensões da evangelização sem articulá-las entre si. A 1ª é o anúncio verbal – querigma, pregação, catequese – essencial, mas apenas um aspecto (EN 22). A 2ª é o testemunho de vida, sem o qual a pregação perde eficácia (EN 21; 76; 78). A 3ª é a ação



Ao aprofundar a natureza e a missão da evangelização como uma realidade eminentemente eclesial (Hackmann, 2003, p. 322), a *Evangelii Nuntiandi* apresenta o conteúdo essencial e imutável do anúncio cristão – a salvação em Jesus Cristo –, articulando-o em sete partes temáticas e fundamentando-se, sobretudo, nos documentos do Concílio Vaticano II (*Lumen Gentium*, *Gaudium et Spes* e *Ad Gentes*) (Rodríguez, 1976, p. 200). Nesse contexto eclesial e pastoral, a *Evangelii Nuntiandi* oferece importantes subsídios para uma leitura teológica que inclui implicações mariológicas, ao reconhecer em Maria a figura paradigmática da escuta, da fidelidade ao Espírito e da fecundidade missionária da Igreja.

Na primeira parte da *Evangelii Nuntiandi* (6-16), Paulo VI recorda que “Cristo é o primeiro evangelizador e o conteúdo essencial da evangelização”, e que a Igreja é chamada a continuar a sua missão, inseparavelmente unida a Ele. Neste horizonte, Maria revela-se como a primeira evangelizada: ela escuta, acolhe e se configura ao Verbo, tornando-se assim também modelo da evangelização (Bíblia [...], 2019, Lc 1,38, p. 1421) (González, 1988, p. 323). González (1988, p. 88) assinala que a atitude de Maria frente ao anúncio do anjo, sua escuta obediente e sua disponibilidade plena expressam precisamente o que a *Evangelii Nuntiandi* requer de todo agente evangelizador: uma encarnação do Evangelho na realidade concreta (EN 20; 30). O “sim” de Maria inaugura a Encarnação e antecipa a lógica da evangelização que transforma e se inscreve nas circunstâncias do tempo e da história.

A segunda parte do documento (17-24), ao definir “o que é evangelizar”, sublinha o caráter transformador da evangelização: trata-se de uma ação que toca consciências, estruturas sociais e culturais (EN 18), promovendo uma mudança interior e exterior. Nessa perspectiva, Maria, reconhecida como *Kekaritomene*, “cheia de graça”, é também “cheia de missão”, pois concebe, gera e compartilha o Cristo com os outros (Bíblia [...], 2019, Lc 1,38-45, p. 1421). Como observa Cantalamessa (1992, p. 103-104), sua presença fecunda e ativa manifesta a eficácia do anúncio evangélico que gera vida nova. Maria torna-se, assim, símbolo da transformação humana pela presença do divino, expressando em si a fecundidade da evangelização.

A terceira parte da *Evangelii Nuntiandi* (25-39) trata do “conteúdo da evangelização”, apresentado como uma substância viva, essencial e

transformadora: evangelizar é também promover justiça e libertação integral (EN 4; 27; 30; 31).



inalterável (EN 25), que deve integrar a libertação e promoção humana (EN 18-20). Embora a exortação acentue a dimensão trans-histórica da salvação, ela afirma também a mensagem cristã sobre os direitos e deveres da pessoa, da vida familiar e comunitária (EN 29), enraizando a evangelização em um projeto integral de desenvolvimento e libertação (EN 38). Neste contexto, Maria é vista como resposta plena da criatura à iniciativa salvífica de Deus, tornando-se ícone da evangelização integral (González, 1988, p. 304). Sua presença nos momentos decisivos da vida de Cristo – da Encarnação ao Pentecostes – ilumina a missão da Igreja de acolher, gerar, acompanhar e anunciar, aspectos estruturantes da ação evangelizadora (González, 1988, p. 305-307).

A lógica evangelizadora da *Evangelii Nuntiandi* insiste, particularmente nos números 18 a 20, na necessidade de uma evangelização encarnada, transformadora e fiel ao Espírito. Maria encarna essa proposta: sua vida manifesta uma adesão radical ao projeto de Deus, fazendo-se portadora da Boa Nova não apenas por palavras, mas pela própria existência. Nesse sentido, sua figura assume valor teológico e pastoral como expressão da mística do serviço e do cuidado, apontada por Zilles (1976, p. 235) como central na exortação, que privilegia a ortopraxis sobre a ortodoxia.

A quarta parte do documento (40-48), ao tratar das “vias da evangelização”, reforça a importância dos meios e métodos utilizados para comunicar o Evangelho com eficácia. São mencionados, entre outros, a pregação, a catequese, os sacramentos e os meios de comunicação (EN 42-47), culminando com uma valorização da piedade popular (EN 48). Tal reconhecimento se mostra particularmente relevante para a espiritualidade mariana, frequentemente expressa nas formas populares de fé. Maria, como expressão da piedade do povo fiel, torna-se elo entre o conteúdo da fé e as mediações culturais e simbólicas da evangelização (González, 1988, p. 314).

Na quinta parte (49-58), que trata dos “destinatários da evangelização”, reafirma-se o direito universal ao Evangelho e a necessidade de respeitar e dialogar com as aspirações religiosas da humanidade (EN 53). Embora as religiões não cristãs sejam vistas como expressões legítimas da busca humana por Deus, a evangelização cristã é apresentada como mediação objetiva da relação com o mistério da paternidade divina. A figura de Maria, nesse contexto, é evocada indiretamente como aquela que melhor representa a humanidade reconciliada com



Deus, assumindo o papel de mãe e intercessora universal da salvação (Sesboüé, 1999, p. 15-33).

A sexta parte da exortação (59-73), ao tratar dos “agentes da evangelização”, amplia a responsabilidade missionária a todos os membros da Igreja. O Papa, os bispos, os presbíteros, os diáconos, os religiosos e os leigos são convocados à ação evangelizadora, sendo os leigos chamados a testemunhar a fé nos diversos ambientes da vida (EN 59-71). Maria, como leiga consagrada, primeira discípula e missionária, aparece como figura paradigmática dessa vocação universal (Johnson, 2006, p. 170-173). Sua vida simples, sua maternidade e sua fidelidade silenciosa tornam-se exemplo concreto para todos os que são chamados a viver e anunciar o Evangelho nas diversas esferas da existência.

Por fim, a sétima parte (74-80), apresenta o “espírito da evangelização”, marcado pela santidade de vida e pelo amor à unidade (EN 79). A missão evangelizadora requer um dinamismo espiritual que inspire, sustente e conduza a ação da Igreja. É neste horizonte que Paulo VI conclui a exortação (EN 81-82), propondo que a obra evangelizadora se prolongue como um programa permanente para a Igreja, e consagrando Maria como “Estrela da evangelização”. Ela é aquela que ilumina, guia e acompanha a missão da Igreja em todos os tempos, especialmente nas conjunturas difíceis, mas promissoras de esperança.

Embora a *Evangelii Nuntiandi* não desenvolva uma mariologia explícita e sistemática, ela oferece fundamentos consistentes para uma compreensão eclesial, espiritual e pastoral de Maria como figura estruturante da ação evangelizadora da Igreja (Müller, 1955, p. 12-13). Como destaca Cantalamessa (1992, p. 33-34), Maria é ícone da Igreja que escuta, guarda e anuncia (Bíblia [...], 2019, Lc 2,19.51, p. 1423; 1424). Sua atitude de escuta orante, sua fidelidade à ação do Espírito e sua disponibilidade para gestar o Reino configuram-se como traços marianos essenciais, profundamente enraizados na espiritualidade do serviço, da comunhão e da esperança. Essa perspectiva se desdobra de modo ainda mais claro na consideração de Maria como protótipo do crente, à luz do testemunho neotestamentário, onde sua fé se revela caminho exemplar de adesão plena ao mistério de Deus e de resposta ativa à Palavra.



2 Maria, protótipo daquele que crê: o testemunho neotestamentário

A dimensão da fé mariana, já indicada na *Evangelii Nuntiandi*, encontra no Novo Testamento um testemunho significativo e fundamental.⁸ Maria é proclamada por Isabel como “feliz aquela que creu” (Bíblia [...], 2019, Lc 1,45, p. 1421), evidenciando que sua fé, inicialmente vivida no silêncio de Nazaré, se torna pública no encontro com uma mulher que também acolhe o mistério pela fé (Cantalamesa, 1992, p. 33). Sua resposta ao anúncio do anjo não foi passiva, mas resultou de um discernimento prudente, fundamentado nas Escrituras e na confiança da ação do Espírito (Bíblia [...], 2019, Lc 2,34, p. 1423) (Marcozzi, 2003, p. 334). Com seu *fiat* (Lc 1,38), Maria inaugura um novo horizonte de fé, caracterizado pela liberdade, lucidez e entrega, tornando-se um modelo para todos crentes. Desse modo, Maria se apresenta como protótipo daquele que crê, abrindo o caminho da fé cristã por meio de sua adesão total ao mistério divino, ao mesmo tempo em que simboliza uma fé dinâmica: enraizada na Palavra, sustentada pela oração e comprometida com a missão salvífica.

No episódio da Visitação (Bíblia [...], 2019, Lc 1,39-45, p. 1421), a proclamação de Isabel – “bem-aventurada aquela que acreditou” – evidencia a centralidade da fé na experiência mariana e insere Maria no horizonte das promessas cumpridas (Cantalamesa, 1992, p. 33). A fé, nesse contexto, não é compreendida como sentimento vago, mas como adesão existencial à Palavra revelada. A atitude de Maria diante do anúncio angélico (Bíblia [...], 2019, Lc 1,26-38, p. 1421), caracterizada por questionamento reflexivo e acolhida obediente, expressa uma escuta amadurecida na tradição de Israel (Loiola, 1966, p. 199-204). Conforme Marcozzi (2003, p. 334), essa escuta manifesta uma fé que se estrutura na interiorização da Palavra e na abertura à ação divina, revelando discernimento e liberdade, não incredulidade.

⁸ Assim como João Batista supera os profetas ao anunciar o Cristo presente (Bíblia [...], 2019, Mt 11,11, p. 1360), Maria supera os crentes da primeira aliança por desenvolver uma fé plenamente cristológica (DAP, nn. 266, 271). Na Anunciação (Bíblia [...], 2019, Lc 1,26-38, p. 1420-1421), o anúncio não trata apenas de um evento salvífico, mas do próprio núcleo da salvação: a vinda do Messias davídico e a concepção virginal do Filho de Deus (Bíblia [...], 2019, Lc 1,31-32.35, p. 1421). A originalidade da cena também está na resposta de Maria, que aceita livremente a proposta divina com um “sim” definitivo (Bíblia [...], 2019, Lc 1,38, p. 1421), reconhecido como expressão da aliança, semelhante ao assentimento de Israel diante de Deus (Bíblia [...], 2019, Js 24,24, p. 264) (De Fiores, 2007, p. 22).



A resposta de Maria deve ser compreendida à luz da história da salvação e das Escrituras que a precedem. Segundo Iwashita (2014, p. 112), seu *fiat* (Bíblia [...], 2019, Lc 1,38, p. 1421) representa um consentimento teologicamente pleno, em continuidade com a fé dos patriarcas e profetas (Bíblia [...], 2019, Gn 15,6, p. 42; Ex 3,4-12, p. 88; Is 6,8, p. 1017). Maria não rejeita a lógica da fé, mas busca compreendê-la, exercendo uma racionalidade crente. Sua fé é ativa e dialogal, marcada por uma confiança radical no Deus que intervém na história – como ecoa no *Magnificat* (Bíblia [...], 2019, Lc 1,46-55, p. 1421), em ressonância com o cântico de Ana (Bíblia [...], 2019, 1Sm 2,1-10, p. 334-335) –, revelando sua memória viva das mulheres bíblicas, como Sara, Miriam e Ester, figuras de fé e mediação no drama da aliança. O *fiat* mariano (faça-se), nesse sentido, ressoa como resposta criatural à iniciativa divina, em paralelo ao *fiat* original da criação (Bíblia [...], 2019, Gn 1, p. 29) e ao *fiat* redentor do Getsêmani (Bíblia [...], 2019, Mt 26,39, p. 1384), conforme observa Cantalamessa (1992, p. 33-35).⁹ À plenitude da graça por parte de Deus, corresponde a plenitude da fé por parte de Maria; ao “*gratia plena*”, o “*fide plena*”.

Essa fé, no entanto, não se dá sem tensões históricas e existenciais (RM 5; 15; 19). O contexto social e religioso em que Maria se insere impõe riscos reais à sua adesão: a possibilidade de rejeição, exclusão e até lapidação (Bíblia [...], 2019, Dt 22,20ss, p. 246). A profecia de Simeão (Bíblia [...], 2019, Lc 2,34-35, p. 1423-1424) confirma que sua fé será provada pela dor e pela incompreensão (Cantalamessa, 1992, p. 35). A adesão de Maria ao plano salvífico é, portanto, marcada pelo “drama da fé”, em consonância com a tradição profética (Bíblia [...], 2019, Hb 11,4ss, p. 1648). Trata-se de uma fé que caminha na obscuridade, sustentada não por certezas imediatas, mas pela fidelidade à Palavra. Aqui se realiza o que Cantalamessa (2019, não paginado) denominou “estrutura pascal da fé”.

Assim, Maria torna-se o protótipo do crente neotestamentário, antecipando a bem-aventurança de crer sem ver (Bíblia [...], 2019, Jo

⁹ Segundo Cantalamessa (1992, p. 33-35), o primeiro *fiat*, o *fiat lux*, é o “sim” divino expresso na própria pessoa que o pronuncia. O segundo, o *fiat* de Jesus no Getsêmani, é um ato de Deus: humano, porque é pronunciado segundo uma vontade verdadeiramente humana; divino, porque essa vontade pertence à pessoa do Verbo encarnado. Já o *fiat* de Maria é o “sim” humano de uma criatura. Nele, tudo recebe seu valor pela graça. Antes do “sim” decisivo de Cristo, todo consentimento humano à obra da redenção encontra sua expressão plena nesse *fiat* de Maria.



20,29, p. 1496) (Cantalamessa, 1992, p. 35-36). Em sua pessoa, a fé veterotestamentária atinge sua plenitude, inaugurando uma nova etapa na história da revelação (González, 1988, p. 73-77). Como Nova Eva, sua obediência contrasta com a desobediência originária, abrindo espaço à ação regeneradora da graça (González, 1988, p. 88). Maria representa a humanidade reconciliada, cuja fé permite a irrupção do Reino. Seu testemunho inscreve-se, assim, na dinâmica da revelação e da resposta crente, tornando-se modelo paradigmático da fé eclesial (González, 1988, p. 334).

2.1 As dimensões teológicas da fé de Maria

A fé de Maria, reconhecida pela tradição cristã como modelo de adesão plena à vontade divina, revela uma profundidade teológica que exige análise atenta em suas diversas expressões. Longe de ser mero assentimento subjetivo, trata-se de uma fé integral, que envolve inteligência, vontade, corporeidade e afetividade (Fisichella, 2003, p. 292). Na perícopé da Anunciação (Bíblia [...], 2019, Lc 1,26-38, p. 1420-1421), sua resposta é livre, generosa e confiante, revelando adesão plena à Palavra de Deus (Philippe, 1999, p. 96-97). Com base nesses fundamentos, propõe-se aqui uma leitura teológica das dimensões da fé mariana, especialmente quanto à sua generosidade, obediência, realismo, esperança e contemplatividade. Trata-se de uma fé vivida de forma existencial, transformadora e profundamente enraizada na experiência cristã (Johnson, 2006, p. 172).

A primeira manifestação da fé de Maria é sua generosidade confiante, especialmente perceptível em contraste com a atitude de Zacarias (Bíblia [...], 2019, Lc 1,18, p. 1420). Embora justo, Zacarias hesita diante da promessa divina, exigindo um sinal. Maria, ao contrário, adere prontamente à Palavra, sem exigir qualquer confiança ou garantia. Sua pergunta ao anjo – “Como será isso?” (Bíblia [...], 2019, Lc 1,34, p. 1421) – não indica dúvida, mas expressa o desejo de compreender melhor a vontade de Deus (Philippe, 1999, p. 96-97).¹⁰ Essa fé não busca

¹⁰ Segundo Philippe (1999, p. 96-97), a razão humana pode, de fato, vacilar diante do mistério divino que se instala na alma por meio da adesão livre da fé. Pedir um sinal, portanto, não decorre necessariamente de uma recusa consciente de crer, mas frequentemente exprime a tentativa de adiar a resposta, revelando certa falta de generosidade interior. A razão, de modo quase instintivo, tende a solicitar um sinal como forma de ponderar melhor, buscando confirmar se aquilo provém, de fato, da vontade de Deus.



prolongar o tempo da decisão nem se fundamenta em cálculos racionais, mas lança-se com docilidade no mistério da ação divina. Conforme observa Cantalamessa (1992, p. 33), Maria crê como uma filha muito amada que confia plenamente no Pai, revelando uma disposição interior marcada pela generosidade e pela entrega.

Essa atitude de Maria é iluminada pelo comentário de Philippe (1999, p. 99-100), que, ao citar Santo Agostinho, ressalta que o “*como*” de Maria não busca justificar-se nem postergar a decisão diante da Palavra de Deus. Não se trata de desconfiança ou hesitação, mas da interrogação humilde de quem deseja conhecer com maior clareza o que deve fazer para realizar plenamente a vontade divina. Esse “*como*” revela um amor obediente e um temor reverente, próprio de quem não quer errar nem deformar a Palavra recebida. Trata-se, portanto, de uma fé purificada e disponível, expressão genuína da disposição interior própria de quem adere plenamente à Palavra de Deus.

A resposta de Maria ao anúncio do anjo – “*faça-se em mim segundo a tua palavra*” (Bíblia [...], 2019, Lc 1,38, p. 1421) – manifesta uma fé pessoal, plena e ativa, que envolve total entrega de si a Deus. Esse ato de fé representa uma obediência radical, na qual o intelecto e a vontade se submetem livremente ao mistério revelado (DV 5)¹¹. Maria não busca reduzir a transcendência divina aos limites da razão, mas permite que sua inteligência seja iluminada pela Palavra, acolhendo-a como verdade salvífica (Comissão Teológica Internacional, 2012, p. 21).¹² Nesse sentido, sua fé é também confissão: brota do coração e se traduz em adesão concreta à vontade de Deus, tornando-se expressão exemplar da fé que salva (Bíblia [...], 2019, Rm 10,9-10, p. 1553). Como assinala Philippe (1999, p. 98-99), a escuta mariana é ativa e receptiva, semelhante à de quem acolhe um tesouro com reverência e amor.

Tal atitude de fé não se limita a um assentimento afetivo, mas envolve um verdadeiro conhecimento espiritual (*intellectus fidei*) (Comissão Teológica Internacional, 2012, p. 18; 23). Pela fé, como ensina Paulo (Bíblia [...], 2019, 2Ts 2,13, p. 1621; Gl 4,9, p. 1595), o ser humano

¹¹ As chamadas indicam a sigla da Constituição Dogmática (*Dei Verbum*) e o parágrafo correspondente (1969).

¹² Conforme o Documento da Comissão Teológica Internacional (2012, p. 21-24), o ato de fé, iluminado pelo Espírito, abre a inteligência do crente para acolher e compreender a Palavra de Deus como luz e alimento. Esse dinamismo interior, chamado *intellectus fidei*, fortalece e aprofunda a fé, unindo razão e revelação. Fé e razão, como duas asas, conduzem o ser humano à verdade plena e à antecipação da visão beatífica.



é inserido na verdade que liberta (Bíblia [...], 2019, Jo 8,32, p. 1479) e se torna participante da vida divina. Maria, ao crer, tornou-se espaço da encarnação do Verbo e, portanto, lugar da manifestação do Deus trinitário. Sua fé não é irracional, mas profundamente iluminada pela graça, configurando-se como *logiké latreía*, um culto espiritual (Bíblia [...], 2019, Rm 12,1-2, p. 1555). Nesse horizonte, Maria representa não apenas o *fides qua*, o ato de crer, mas também o *fides quae*, o conteúdo crido: nela, fé e doutrina se encontram, numa síntese viva entre acolhida e confissão da verdade revelada por Deus em Cristo.

A fé de Maria é também profundamente realista, comprometendo toda a sua existência concreta (Philippe, 1999, p. 102-103). O consentimento dado na Anunciação não se limita ao plano intelectual ou emocional, mas mobiliza integralmente seu ser. Maria oferece sua mente, seu coração e seu corpo ao Verbo que nela se encarna (Marcozzi, 2003, p. 334). Nesse contexto, conforme a reflexão de Philippe (1999, p. 102-103), a fé é entendida não como um conhecimento abstrato, mas como o meio mais realista de acesso à realidade divina. Desse modo, como observa Johnson (2006, p. 172), o fiat mariano não é um gesto meramente simbólico, mas a aceitação radical de uma intervenção concreta e transformadora de Deus em sua história.

Outra dimensão fundamental da fé de Maria é a esperança, profundamente entrelaçada com seu amor e abandono confiante (Philippe, 1999, p. 103-104). No *fiat* (Bíblia [...], 2019, Lc 1,38, p. 1421), manifesta-se o primeiro ato de esperança explicitamente cristã, dirigido ao Verbo encarnado. Maria espera na promessa divina que se realiza nela, sustentada pela presença silenciosa do Deus que habita em seu ventre. Essa esperança, vivida no espírito de pobreza, revela-se como desejo eficaz de ver, pertencer e ser plenamente possuída por Deus, apoiando-se não em suas próprias forças, mas na misericórdia infinita do Senhor (Bíblia [...], 2019, Lc 1,46-55, p. 1421) (Cantalamesa, 1992, p. 35-36). É um dinamismo interior que a impulsiona a um abandono amoroso, transformando sua fé em uma confiança total na ação divina. Sua esperança, ancorada na força comunicada pelo “pequenino” que nela se forma, traduz-se em atitude de entrega radical, sustentada pela certeza de que aquele que prometeu é fiel (SnC 24).¹³

¹³ As chamadas indicam a sigla da Bula de Proclamação do Jubileu Ordinário do Ano 2025 (*Spes non Confundit*) e o parágrafo correspondente (Francisco, 2024).



A fé de Maria revela também uma dimensão contemplativa (Philippe, 1999, p. 105-111), que não se reduz ao recolhimento interior, mas se traduz também em fecundidade espiritual e missionária. Por sua entrega total a Deus, Maria torna-se espaço privilegiado da presença trinitária (Johnson, 2006, p. 280). Seu silêncio, inclusive diante de José, não é omissão, mas expressão de profunda intimidade com o mistério de Deus (González, 1988, p. 334).¹⁴ Esse silêncio é habitado por uma contemplação ativa, que se traduz em disponibilidade para o serviço. A fé mariana, portanto, é também fé-missão: contemplativa e encarnada, teologal e eclesial, capaz de integrar mística e compromisso histórico. Nela, fé e vida se tornam realidades inseparáveis, oferecendo à Igreja um paradigma sempre atual de resposta crente à Palavra de Deus.

As dimensões teológicas da fé de Maria evidenciam uma adesão plena e densa à revelação divina (DV 2). Trata-se de uma fé integral, que articula razão e afeto, corporeidade e espírito, configurando-se como paradigma da resposta crente no interior da história da salvação (Comissão Teológica Internacional, 2012, p. 18-20). Maria emerge, assim, como figura importante na tradição cristã, não apenas como destinatária da promessa, mas como sujeito ativo da fé (Johnson, 2006, p. 172). Diante dessa densidade teológica, torna-se necessário considerar também o valor eclesial de sua fé, que se reflete na relação intrínseca entre Maria e a Igreja. Ao longo da história, Maria tem sido vista como a “figura e recapitulação” da Igreja-Mãe, sendo sua vida e missão prefiguração do destino da Igreja e da vida espiritual dos fiéis.

1.2 Maria, ícone da fé na vida da Igreja

Nos primeiros séculos do cristianismo, a tradição eclesial reconheceu uma profunda correlação entre Maria e a Igreja, entendendo-as em mútua referência tipológica e teológica (Müller, 1955, p. 63). Maria é contemplada como figura, modelo e realização antecipada da Igreja. Sua existência – desde a Imaculada Conceição até a Assunção – é interpretada como uma antecipação escatológica da vocação da comunidade eclesial (González, 1988, p. 304). Essa ligação fundamental entre Maria e a Igreja reflete a centralidade da fé como um ato de crença e confiança

¹⁴ Conforme Johnson (2006, p. 172), embora a narrativa concentre-se em José e não mencione explicitamente a ação ou a fé de Maria, o centro da cena é, na verdade, a concepção de Jesus por Maria, por obra do Espírito Santo, sem intervenção masculina – um evento que introduz o nascimento do Messias em circunstâncias extraordinárias.



que se expressa tanto de forma pessoal quanto comunitária (Bíblia [...], 2019, Mt 12, 48-50, p. 1363), com a Igreja sendo chamada a professar a fé em *koinonia*, ou comunhão, com o Espírito Santo (Bíblia [...], 2019, 2Cor 13,13, p. 1590).

A identidade de Maria, inserida no mistério da maternidade divina e eclesial (Bíblia [...], 2019, Jo 19,26-27, p. 1494), é vista como chave hermenêutica para compreender essa relação, pois é no seio de Maria que se inicia a história da salvação, enquanto no seio da Igreja ela se consuma.¹⁵ Sob essa perspectiva, Müller (1955, p. 12-13) destaca que a Igreja, como Corpo de Cristo, é também configurada à imagem de Maria, a qual é chamada a ser mãe e modelo da Igreja.¹⁶ Citando Santo Efrém, o Sírio, Müller (1955, p. 151) expressa com profundidade essa concepção ao afirmar: “A terra da Igreja é, com efeito, o corpo de Maria”, ressaltando o caráter sacramental e corporativo dessa unidade, na qual a fé é professada de maneira indivisível e vivida na comunidade eclesial.

Laurentin (1967, p. 43) observa que a patrística desenvolveu amplamente a teologia da reciprocidade entre Maria e a Igreja, com destaque para Santo Irineu de Lião, cuja leitura da história da salvação apresenta Maria como a nova Eva, em paralelo à missão redentora de Cristo, o novo Adão. O vínculo estabelecido por Irineu entre Maria e a Igreja não é meramente analógico, mas participativo, pois se fundamenta na comunhão orgânica entre Cristo e os seus membros. Conforme destaca Iwashita (2014, p. 119), essa perspectiva foi retomada pelo Concílio Vaticano II, especialmente na constituição dogmática *Lumen Gentium*, que afirma: “a Bem-Aventurada Virgem é reconhecida como figura e modelo da Igreja na ordem da fé, da caridade e da união perfeita com Cristo” (LG 63).¹⁷ Desse modo, em Maria, a Igreja reconhece seu paradigma de virgindade fecunda e de maternidade espiritual.¹⁸

¹⁵ A fé professada na *Koinonia* do Espírito Santo (2Cor 13,13), une todos os cristãos a Deus e entre si (1Jo 1,1-3) e atinge sua expressão máxima na Eucaristia (1Cor 10, 16-17) (Comissão Teológica Internacional, 2012, p. 20).

¹⁶ A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (LG 53; 54; 63) Maria é reconhecida como membro eminente e inteiramente singular da Igreja, seu tipo e exemplar perfeitíssimo na fé e na caridade.

¹⁷ As chamadas indicam a sigla da Constituição Dogmática (*Lumen Gentium*) e o parágrafo correspondente (Paulo VI, 1964).

¹⁸ Conforme a *Lumen Gentium* (LG 63), as duas realidades se iluminam e se esclarecem mutuamente.



A dimensão tipológica mariana oferece à eclesiologia um critério hermenêutico para compreender a natureza profunda da Igreja enquanto mistério e comunhão. De acordo com González (1988, p. 304), Maria é o ícone escatológico da Igreja glorificada, e, ao mesmo tempo, o tipo da Igreja peregrina, em sua escuta obediente da Palavra, na fidelidade à graça e na sua missão de gerar Cristo no mundo. Sua figura sintetiza, portanto, a identidade e a vocação eclesial, oferecendo um referencial antropológico-teológico para a vida cristã. Ao mesmo tempo, a Igreja esclarece e torna inteligível a figura de Maria, conferindo-lhe dimensão eclesial e histórica, de modo que sua singularidade não seja interpretada de maneira isolada, mas inserida no conjunto da economia salvífica (LG 14).

Sob essa perspectiva, Lorscheider ([s. d.], p. 10) argumenta que, no cerne da identidade teológica entre Maria e a Igreja, está o primado da fé.¹⁹ A história da salvação, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, é inaugurada por atos de fé: Abraão crê (Bíblia [...], 2019, Gn 15,6, p. 42), o povo de Israel crê (Bíblia [...], 2019, Ex 4,31, p. 90) e Maria crê na Palavra divina (Bíblia [...], 2019, Lc 1,38, p. 1421). O *fiat* mariano, segundo o autor, constitui a resposta humana mais plena à iniciativa divina, sendo compreendido como ponto decisivo na história da salvação. Trata-se do que Johnson (2006, p. 302-304) e Cantalamessa (1992, p. 42) identificam como um consentimento livre e iluminado pela graça, que torna possível a encarnação do Verbo como dom gratuito de Deus, acolhido mediante a fé (Bíblia [...], 2019, Ef 2,8-9, p. 1600). Consciente da gratuidade desse dom, Maria se oferece como serva do Senhor e, por sua fé obediente, torna-se o arquétipo da Igreja fiel e totalmente disponível ao desígnio de Deus.

3 Maria e a Nova Evangelização: ícone e inspiração para a “Igreja em saída”

Atribuir a Maria o título de “Estrela da Evangelização” ultrapassa a esfera da devoção e constitui uma chave hermenêutica teológico-pastoral central no magistério eclesial contemporâneo (Feller, 2021, p. 89-94). Essa designação, inaugurada por Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi* (EN 82) e retomada por Francisco na *Evangelii Gaudium* (EG 285), apresenta

¹⁹ Ao mesmo tempo em que ela é membro supereminente e absolutamente singular da Igreja, é também seu modelo e protótipo acabado, na fé e na caridade (LG 54).



Maria como modelo paradigmático da missão da Igreja. Ao visitar Isabel, carregando em seu seio o Verbo encarnado (Bíblia [...], 2019, Lc 1,39-56, p. 1421-1422), Maria inaugura o caminho da missão, antecipando o dinamismo da evangelização. Nesse gesto, ela encarna a plenitude do discipulado missionário e torna-se sinal escatológico da “Igreja em saída” (Bíblia [...], 2019, Ap 12,1, p. 1692; EG 24; 46; 47; 49), sintetizando em sua figura a ação do Espírito Santo na história da salvação e a proclamação do Reino (Panazzolo, 2006, p. 16).

Segundo Víctor Codina (2018, p. 130), a proposta do Papa Francisco de uma “Igreja em saída” está intrinsecamente vinculada a um “estilo mariano” de evangelização, caracterizado pela ternura, humildade e pelo serviço gratuito aos últimos. Longe de expressar fragilidade, esse estilo revela uma força evangélica transformadora (Johnson, 2006, p. 31),²⁰ em consonância com a lógica do Reino (EG 288). Maria é modelo dessa tensão fecunda entre contemplação e ação, silêncio gerador de vida e anúncio profético. Sua existência testemunha uma eclesiologia encarnada, onde fé e compromisso se entrelaçam num movimento integral de discipulado missionário. Como ressalta Pedrosa (2019, p. 154-155), Maria é ícone do testemunho evangelizador, síntese viva da Igreja que acolhe, escuta e envia.

Neste contexto, ressoa com profundidade a afirmação do Papa Francisco: “As Igrejas devem ter sempre as portas abertas, porque este é o símbolo do que é uma Igreja: sempre aberta” (Audiência Geral, 23 de outubro de 2019). Essa imagem, evocada também na Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, expressa a identidade missionária da Igreja, concebida como casa de encontro, hospitalidade e diálogo – uma comunidade que não permanece confinada em sacristias, mas que “sai para acompanhar a vida, sustentar a esperança, ser sinal de unidade, lançar pontes, abater muros, semear reconciliação” (FT 276). Trata-se de uma Igreja que, à semelhança de Maria, é “mãe jubilosa” (EG 288), aberta à ação do Espírito, promotora da dignidade humana, da justiça e da paz (Francisco, 2018, n. 1).

²⁰ O Papa Francisco (EG 286) apresenta Maria como solidária com as dores e sofrimentos dos partos históricos de tantos povos, ao mesmo tempo em que propõe uma releitura crítica da tradição eclesial que, ao longo da história, frequentemente associou a figura de Maria à legitimação de papéis femininos marcados pela passividade e pela aceitação da subordinação ao homem, dentro de uma lógica patriarcal.



A metáfora da “Igreja como casa” – amplamente explorada por Francisco e ancorada na *Lumen Gentium* (LG 6) – reforça essa visão pastoral e missionária. A Igreja é compreendida como “habitação de Deus no Espírito” (Bíblia [...], 2019, Ef 2,19-22, p. 1601), lugar onde a fé é vivida comunitariamente, mediada pelo encontro fraterno. Como “família entre as famílias”, a Igreja se configura como espaço de ternura, proximidade e cuidado, à semelhança do coração materno de Maria, que acolhe os feridos e acompanha os pequenos (FT 67). As Diretrizes da CNBB (2019, p. 73-123) também reforçam essa eclesiologia doméstica e missionária ao proporem a “Igreja nas casas”, sustentada por quatro pilares: Palavra, Pão, Caridade e Ação Missionária.

Nesse horizonte, a teologia mariana contemporânea, especialmente em Clodovis Boff (2006, p. 41-42), sustenta uma identificação simbólica e ontológica entre Maria e a Igreja, por meio do conceito de “personalidade coletiva”. Maria é vista como *Ecclesia contracta*, isto é, a Igreja em forma concentrada e antecipatória. A partir da *Lumen Gentium* (LG 53-65) e da *Redemptoris Mater* (RM 47,2), compreende-se que tudo o que se afirma sobre Maria pode ser aplicado, analogicamente, à Igreja. Assim, a eclesiologia mariana ilumina a autocompreensão e a missão eclesial, quando esta se entende como sacramento da salvação, sinal e instrumento da comunhão com Deus e da unidade do gênero humano (LG 1).

A correlação entre Maria e a Igreja abre, portanto, para uma visão de humanidade reconciliada, inclusiva e comprometida com a transformação do mundo. Maria, figura da nova humanidade (Forte, 1991, p. 154-155), antecipa em si a comunhão definitiva entre Deus e os homens. Sua feminilidade vivida em comunhão com Cristo revela um humano pleno, capaz de integrar diferença e reciprocidade em uma nova sociabilidade. A valorização do feminino na Igreja – enfatizada por Francisco (EG 103-104; CV 42²¹) – ganha espessura quando inserida nesta perspectiva teológico-mariana. Assim, a “Igreja em saída” não se reduz a uma diretriz pastoral, mas representa a atualização histórica da maternidade espiritual de Maria, que acolhe, gera e acompanha seus filhos na fé.

²¹ As chamadas indicam a sigla da Exortação Apostólica (*Christus vivit*) e o parágrafo correspondente (Francisco, 2019).



Conclusão

A Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (1975), ainda que não desenvolva uma mariologia sistemática, nela se encontram elementos significativos para a construção de uma teologia mariana implícita, particularmente no que se refere à missão evangelizadora da Igreja. Ao referir-se a Maria como “Estrela da Evangelização” (EN 82), o documento atribui-lhe um papel paradigmático, reconhecendo sua centralidade no processo de anúncio e testemunho do Evangelho. Sua escuta atenta da Palavra, sua adesão incondicional à vontade de Deus e sua participação contínua na missão de Cristo – desde a Encarnação até o Pentecostes – constituem um modelo eclesial de discipulado e missão.

No magistério do Papa Francisco, essa perspectiva é retomada e aprofundada à luz de uma eclesiologia centrada na opção preferencial pelos pobres e excluídos (EG 20; 43). Francisco insere a figura de Maria em uma dinâmica pastoral que valoriza o “estilo mariano” da Igreja – marcado pela ternura, pela proximidade e pelo cuidado dos que sofrem (EG 288). Nesse sentido, Maria é apresentada não apenas como destinatária da revelação, mas como sujeito ativo da fé que, tendo vivido plenamente as Bem-aventuranças (EG 286), se configura como arquétipo de uma espiritualidade encarnada, historicamente situada e profundamente solidária com os clamores da humanidade.

Tal concepção tem implicações significativas para a teologia pastoral, na medida em que a figura mariana passa a ser compreendida como expressão do *sensus fidei* do povo de Deus. Na piedade popular, especialmente em contextos latino-americanos, Maria constitui-se como ponte entre a fé e a vida, entre a tradição e a transformação social. Sua presença simbólica e afetiva contribui para a formação de comunidades que, sob sua inspiração, desenvolvem práticas de resistência, acolhimento e solidariedade (CNBB, 1998, p. 54).

A mariologia implícita em *Evangelii Nuntiandi* converge com a teologia de autores como Bruno Forte (1991, p. 153-154), para quem Maria representa a totalidade da humanidade redimida, a nova Eva e a imagem escatológica da Igreja. Ela expressa, em sua corporeidade feminina, a reciprocidade antropológica desejada por Deus, sendo símbolo de uma humanidade reconciliada. Para Francisco (2019, p. 25), Maria traduz a “feminilidade do Eterno”, tornando-se linguagem concreta do



mistério de Deus, particularmente nas realidades marcadas pela dor, pela injustiça e pela exclusão.

Neste horizonte, a figura mariana adquire também relevância socioteológica. Ao inspirar gestos concretos de compaixão, justiça e inclusão, Maria se torna símbolo de uma “Igreja em saída”, capaz de evangelizar não apenas por meio do anúncio, mas pela transformação das estruturas sociais à luz do Evangelho (LS 17, 241).²² Conforme observa Carlos Galli (2018, p. 93-94), essa espiritualidade mariana se manifesta como presença misericordiosa nos contextos de sofrimento e marginalização, tornando-se sinal profético da fraternidade universal (FT 10-55).²³

Em suma, considerar Maria como ícone da fé e da missão eclesial implica reconhecer sua importância não apenas no plano soteriológico, mas também na constituição de sujeitos e comunidades comprometidos com o Reino. Seu testemunho vivenciado no cotidiano, especialmente entre as mulheres das periferias, oferece subsídios relevantes para uma teologia que busca superar estruturas patriarcais e afirmar uma eclesialidade inclusiva e participativa (Johnson, 2006, p. 33). Nesse sentido, a *Evangelii Nuntiandi* oferece, ainda que de modo implícito, uma contribuição relevante para a reflexão mariológica contemporânea, ao integrar Maria na dinâmica da missão e da comunhão eclesial.

Referências

BÍBLIA Sagrada Tradução Oficial da CNBB. 2. ed. Brasília: CNBB, 2019.

BOFF, Clodovis. *Mariologia Social: o significado da Virgem para a Sociedade*. São Paulo: Paulus, 2006.

CANTALAMESSA, Raniero. *Maria, um espelho para a Igreja*. Aparecida: Ed. Santuário, 1992.

CANTALAMESSA, Raniero. Texto integral da Primeira pregação de Advento 2019. *Vatican News*. Vaticano, 06 dezembro 2019 [sem paginação].

CNBB. *Com Maria, rumo ao novo milênio*. São Paulo: Paulinas, 1998.

²² As chamadas indicam a sigla da Carta Encíclica (*Laudato Si*) e o parágrafo correspondente (Francisco, 2015).

²³ As chamadas indicam a sigla da Carta Encíclica (*Fratelli Tutti*) e o parágrafo correspondente (Francisco, 2020).



CODINA, Victor. Espírito e Iglesia em Francisco. *In: Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 58, p. 120-132, jan./abr. 2018.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Teologia hoje: perspectivas, princípios e critérios*. Brasília: CNBB, 2012.

COMPÊNDIO DO CONCÍLIO VATICANO II. *Constituições, Decretos, Declarações*. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II. *Christus Dominus*. Decreto do Concílio Vaticano II, Sobre o Múnus Pastoral dos Bispos na Igreja. São Paulo: Paulinas, 1990.

CONCILIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei Verbum*. Petrópolis: Vozes, 1969.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil 2019-2023*. Brasília: CNBB, 2019.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus, 2007.

DE FIORES, S. María, Madre y Discípula, formadora de los discípulos y misioneros de Jesucristo, en la teología postconciliar. *In: CELAM. María, Madre de Discípulos. Encuentro continental de pastoral mariana y congreso teológico pastoral-mariano*. Bogotá: CELAM, 2007. p. 22.

FELLER, Vitor Galdino. A Mariologia Conciliar, chave para a tarefa teológica atual. *In: Cultura teológica*, São Paulo, n. 99, p. 77-95, maio/ago. 2021.

FISICHELLA, E. Fé. *In: VV.AA. Dicionário teológico enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 292.

FORTE, Bruno. *Maria, a mulher ícone do mistério*. São Paulo: Paulinas, 1991.

FRANCISCO, PP. *Mensagem para a XXXIII Jornada Mundial da Juventude*: “Maria, não temas, pois achaste graça diante de Deus (Lc 1, 30)”. Dicastero per la Comunicazione – Libreria Editrice Vaticana. Vaticano, 2018. Disponível em: www.vatican.va/content/francesco/es/messages/youth/documents/papafrancesco_20180211_messaggio-giovani_2018.pdf. Acesso em: 3 de maio 2025.



FRANCISCO, PP. *Carta Encíclica Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Loyola, 2020.

FRANCISCO, PP. *Carta Encíclica Laudato Si*: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus: Edições Loyola, 2015.

FRANCISCO, PP. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus: Edições Loyola, 2013.

FRANCISCO, PP. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit, para os jovens e para Todo o povo de Deus*. Brasília: Edições CNBB, 2019.

FRANCISCO, PP. *Spes non Confundit*. Bula de Proclamação do Jubileu Ordinário do Ano 2025. São Paulo: Paulus, 2024.

GALLI, Carlos. *Cristo, Maria, a Igreja e os povos: A Teologia do Papa Francisco*. Brasília: Edições CNBB, 2018.

GONZÁLEZ, Carlos Ignacio. *Maria evangelizada e evangelizadora*. Bogotá: CELAM: Loyola, 1988.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A Amada Igreja de Jesus Cristo*. Manual de eclesiologia como comunhão orgânica. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

IWASHITA, Pedro K. A presença de Maria na nova evangelização. *In: Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 46, p. 104-126, jan./abr. 2014.

JOÃO PAULO II, PP. *Carta Encíclica Redemptoris Mater* (Sobre a Bem-aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho). São Paulo: Loyola, 1987.

JOHNSON, Elizabeth A. *Nossa verdadeira irmã*: Teologia de Maria na comunhão dos santos. São Paulo: Loyola, 2006.

LAURENTIN, René. *Court traité sur la Vierge Marie*. Refondu à la suite du Concile. 5. ed. Paris: Lethielleux, 1967.

LIBÂNIO, J. B. “*Sínodo dos Bispos (1974): Evangelização no Mundo de Hoje*”. Disponível em: <http://faje.edu.br/periodicos2/index.php/Sintese/article/download/2642/2841>. Acesso em: 3 maio 2025.

LORSCHIEDER, Aloísio. *A fé da Virgem Maria*. Col. Cadernos Marianos 2. Aparecida: Ed. Santuário, [s. d.].

MARCOZZI, V. “Discernimento dos espíritos”. *In: BORRIELO, L. et alii* (dir.). *Dicionário de Mística*. São Paulo: Loyola: Paulus, 2003. p. 334.



MÜLLER, A. *Ecclesia – Maria. Die Einheit Marias und der Kirche*. 2. ed. Freiburg in der Schweiz: Universitäts Verlag, 1955.

PÁDUA, Lúcia Pedrosa. Uma Igreja Mariana no Magistério do Papa Francisco. In: ALMEIDA, João Carlos (org.). *Uma leiga chamada Maria*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2019. p. 139-171.

PANAZZOLO, João. *Missão para todos: introdução à missiologia*. São Paulo: Paulus, 2006.

PAULO VI, PP. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi: sobre a evangelização no mundo contemporâneo*. 20. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

PHILIPPE, Marie-Dominique. *Mystère de Marie*. Croissance de la vie chrétienne. Paris: Fayard, 1999.

PIÉ-NINOT, Salvador. *Introdução à Eclesiologia*. São Paulo: Loyola, 1998.

RODRIGUEZ, Pedro. Um documento sobre a evangelização. In: *Theologica. Revista de Ciências Sagradas*. Braga, v. XI, n. 1/4, série II, fasc. I-II, p. 199-204, jan./out. 1976.

SALAME, Pedro. Exortação Evangelii Nuntiandi. In: *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 6, n. 31, p. 43-47, mar. 1976.

SESBOÛÉ, Bernard. *Por una Teología Ecuménica*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1999.

SOBRINO, Jon. *Ressurreição da verdadeira Igreja*. Os pobres, lugar teológico da eclesiologia. São Paulo: Loyola, 1982.

ZILLES, Urbano. O conteúdo da evangelização. In: *Teocomunicação*, Porto Alegre, ano 6, p. 229-239, set. 1976.